

Compaixão inoportuna
Onde o crime se concentre,
Lindo cavalo de Tróia
Com novos crimes no ventre.

As pessoas preguiçosas,
Conforme o senso comum,
Querem sempre algum trabalho
E estão sem tempo nenhum.

Discernimento e bondade
São em si diversos dons.
Caridade sem justiça
E' um mel que sufoca os bons.

Invejoso inteligente?
Ninguém aceite esse engano.
Inveja esmaga o talento
Como a traça rói o pano.

O FAZEDOR DE CAIXÕES

O carapina Tonho Macambira,
Fazedor de caixões no Sítio Claro,
Estava rico à custa do descaro
Com que explorava a morte do caipira.

Dava aos doentes cuias de tiquira,
Queria sepultura e desamparo...
Parecia cachorro de bom faro
Tomando o cobre em contas de mentira.

Mas Tonho faleceu numa caçada...
Atirou nele mesmo, de arrancada,
Quando espantava abelha e muriçoca.

E seja pela culpa ou pelo peso,
O Espírito de Tonho ficou preso
Sete anos no barro com minhoca...

Obrigações pequeninas...
 Nenhuma deixes sem trato.
 Picada de maribondo
 Castiga onça no mato.

Beleza, glória, alegria...
 Não tomes festas em vão.
 A festa desgovernada
 E' carro de contra-mão.

Humanidade — um só povo
 Diante da vida imensa.
 Esforço de cada um —
 Medida de diferença.

NOVENTA CRUZEIROS

Toc, toc... vai lá Adão Passoca
 — Coronel da fazenda enorme e rica —,
 Vai cobrar uma conta da botica
 À pobre cozinheira Nhá Candoca.

A velhinha, deitada na maloca,
 Pede prazo mais longo... Chora e explica.
 Sente febre, tem fome, sua em bica,
 Almoça e janta milho de pipoca...

O Coronel nervoso ergue o cajado,
 Esbraveja mostrando o punho irado
 E, a expulsá-la da choça, espuma e berra...

Mas de tanto gritar, rude e mordente,
 Por noventa cruzeiros simplesmente,
 Cai fulminado e roxo sobre a terra.